



APRESENTAÇÃO DOSSIÊ LITERATURA E SUBALTERNIDADE: MEMÓRIAS, FRONTEIRAS E IDENTIDADES

Profa. Dra. Fernanda Aparecida Ribeiro
Universidade Federal de Alfenas
fer_congressos@hotmail.com

Profa. Dra. Maria de Fatima A. Oliveira Marcari
Universidade Estadual Paulista
fatimarcari@hotmail.com

O dossiê “Literatura e Subalternidade: memórias, fronteiras e identidades” contempla artigos que tematizam as vozes periféricas da sociedade, enfatizando as relações de poder e a marginalidade. Resistências, questões de gênero, raça, etnia, classe e representações do corpo são alguns dos itinerários das vozes subalternas na literatura, que resgatam as memórias de seus grupos e desconstroem fronteiras, forjadas por outros, para revelar suas identidades.

O último livro de Michel Laub, *O tribunal da quinta-feira* (2016), é objeto da análise de Lisiane Andriolli Danieli, que examina os conteúdos abordados pelo romance (internet, homossexualidade, HIV), assim como as propriedades formais da obra em “O narrador de *O tribunal da quinta-feira* e seu crime.”

Em “*Terra Sonâmbula*, de Mia Couto: memórias míticas e metáforas de guerra”, Fabrício Lemos da Costa e Maria Elizabeth de Godoy analisam as construções metafóricas mítico-poéticas presentes no romance de Mia Couto, bem como as marcas da tradição moçambicana e as conjunturas de conflito social entre guerras de independência e civil, representadas na narrativa a partir de tropos relacionados ao mítico e à guerra. Nesta perspectiva, os autores demonstram que o romance desenvolve-se como processo e projeto de uma nova teórica pós-colonial.

“Violência simbólica, estratificação social e literatura: a relação ordem/desordem em *Dedo-duro*, de João Antônio” examina o conto citado pretendendo demonstrar, segundo as premissas expostas na primeira e na segunda

história do texto (PIGLIA, 2004), uma possível manifestação da violência simbólica que afeta e estratifica nossas classes sociais. A partir de uma releitura dos conceitos de ordem e desordem (CANDIDO, 1970), Leandro de Oliveira Lopes verifica a manifestação dessa violência simbólica em atuação para definir a posição social das personagens no conto e também a de seus representantes na vida fora dos livros.

“A representação das classes populares em *Zero: questões de legitimidade, autoridade e alteridade na literatura marginal*”, de Júlia de Mello Silva Oliveira, busca apresentar o romance de Loyola Brandão como um texto potencialmente político que, indiretamente, por meio de seu enredo e de suas significações/leituras possíveis, denuncia os absurdos e arbitrariedades do momento, bem como suas consequências, como por exemplo a miséria.

O romance *The Bluest Eye* é tema do artigo “Nobody paid us any attention, so we paid us very good attention to ourselves: girlhood in Toni Morrison’s *The Bluest Eye*”. Com base na concepção de violência ritualística discutida em Azevedo (2001), e nos denominadores comuns da infância norte-americana listados por Mintz (2009), dentre outros teóricos, Fernanda Nunes Menegotto demonstra que fatores como idade, gênero e raça influenciam a narrativa e atuam juntos sobre as vidas das três meninas protagonistas do romance de Toni Morrison.

“As fronteiras porosas do contemporâneo: uma breve reflexão sobre romance *Becos da Memória*”, artigo de Denise Aparecida Nascimento, procura examinar como a escritora Conceição Evaristo utiliza a noção de fronteira para expor a condição do sujeito simultaneamente incluído e excluído de nossa sociedade.

Juliano Saccomani, no artigo “A dualidade em *Valentina*: recurso estilístico com propósito crítico”, analisa o romance de Deborah Kietzmann Goldemberg, que resgata a história da Cabanagem por dois vieses subalternos: de um personagem ficcional que representa o lado vencido da revolução e dos depoimentos de descendentes dos vencidos que vivem no Pará. Para Saccomani, *Valentia* possui as características do “novo romance histórico” e sublinha a duplicidade para nortear o seu trabalho, pois, com duplo tempo histórico e com



duplicidade de vozes presente no texto ficcional, a obra apresenta uma nova releitura do passado histórico.

“Poesias em língua de sinais: uma revisão bibliográfica” é o artigo apresentado por Juliana de Oliveira Pokorski, Maria Luiza Santos Demianczuk e Lia Schulz. As autoras partem de um tema instigante e pouco estudado: a literatura em língua de sinais. Elas afirmam que há um crescente reconhecimento do espaço da língua de sinais em vários setores da sociedade brasileira e que a literatura surda é um ato político que evidencia a valorização da língua de sinais. O artigo consiste em analisar a produção científica sobre a poesia sinalizada e estabelecer as três abordagens que nortearam os textos: pedagógica, linguística e da tradução.

Fidelainy Sousa Silva e Lis Yana Lima Martinez em “Os desdobramentos coloniais: *Purple Hibiscus* como metáfora para a identidade” evidenciam a subalternidade da mulher nigeriana no romance de Chimamanda Adichie. Retomando conceitos de colonização, nação e religiosidade, as autoras evidenciam os conflitos culturais do povo nigeriano por meio de uma protagonista mulher que se torna o resultado do processo de duas culturas distintas (ancestral e colonizador) e que se empodera por meio da escrita.

Em “Subalternidade feminina: violência contra a mulher em *O outro pé da sereia*, de Mia Couto”, Joseana Stringini da Rosa também aborda a questão da subalternidade da mulher africana, com ênfase na obra de Mia Couto, que coloca em cena a mulher moçambicana. Rosa destaca os diversos tipos de violência sofridas pelas mulheres, em especial a violência de gênero. Destaca também que o romance de Mia Couto utiliza dois tempos históricos, na qual a estátua da nau de D. Gonçalo da Silveira é o elo entre passado e presente, e que na narrativa impera a dominação masculina sobre as personagens femininas.